

A propagação de memes sobre a legalização ou não do aborto: novos discursos, velhas questões

The propagation of memes about the legalization or not of abortion: new discourses, old questions

Luciana Fernandes NERY (UFPB/UERN)
lucianafernandesnery@yahoo.com.br

Keila Gabryelle Leal ARAGÃO (UFPB)
gabryelleal@gmail.com

Recebido em: 30 de jan. de 2019.
Aceito em: 26 de jun. de 2019.

NERY, Luciana Fernandes; ARAGÃO, Keila Gabryelle Leal. A propagação de memes sobre a legalização ou não do aborto: novos discursos, velhas questões. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 208-225, set-dez/2019.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os discursos contra e a favor da legalização do aborto através dos memes e observar como a memória discursiva é retomada para a construção de “novos” discursos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-interpretativista fundamentada nos postulados teóricos da Análise do discurso de linha francesa, sobretudo em Pêcheux (1997), Foucault (2009a, 2009b), Maingueneau (2008) e Paveau (2013), com ênfase nas concepções de discurso, formação discursiva, memória e interdiscurso. Selecionamos como corpus quatro *memes*, sendo dois que se colocam a favor da legalização do aborto e dois contra, publicados em páginas de quatro diferentes *blogs* da *web*. A análise nos permite afirmar que, ao propagar determinados discursos sobre a legalização do aborto, há uma retomada de discursos já existentes para reafirmar ou negar determinadas posições, tratando a causa como uma questão política alicerçada nos discursos da saúde e da religião.

Palavras-chave: Memes. Legalização do aborto. Discurso.

Abstract: The present article has the objective of to analyze the discourses against and in favor of legalization of abortion through memes, and watching how the discursive memory is resumed to build “new” discourses. This research is classified as qualitative of the character descriptive-interpretative, it is underpinned by theoretical postulated of Discourse Analysis from french-line, most importantly in Pêcheux (1997), Foucault (2009a, 2009b), Maingueneau (2008) and Paveau (2013), with emphasis in the discursive conceptions, discursive formation, memory, and interdiscourse. We selected as corpus of this study four memes, being two that express the position of people who agree with the legalizing abortion, and two against, they were published in four different blogs of web. The analysis allows us to affirm that, the propagation of determine discourses about legalization of abortion, shows the resumed of discourses already existed aiming to reaffirm or to deny determined positions, treating the cause as a political question that is founded into health and religion discourses.

Keywords: Memes. Abortion legalizing. Discourse.

Introdução

Os discursos que circulam na esfera midiática se disseminam muito rapidamente, assim o que está em ênfase no cenário político, econômico e social acaba sendo alvo desse espaço. Diante disso, tem se recorrido cada vez mais aos *blogs*, canais, redes sociais, dentre outros meios, para se propagar de forma mais dinâmica aquilo que se pretende que tenha uma maior viralização. Nesse contexto, os *memes* têm sido utilizados com frequência, pois, além de ser um gênero de teor humorístico, permite que determinados discursos reverberem tornando-se acontecimentos. Entre os assuntos que se têm discutido bastante no Brasil e se propagado através dos *memes* está a legalização ou não do aborto. O tema já foi alvo de uma ampla discussão no cenário nacional e, ao entrar mais uma vez em tramitação no Congresso, no ano de 2018, muitas opiniões divergentes surgiram.

Há que se considerar, no entanto, que a polêmica em torno do aborto é um tema que encontra eco na esfera dos tribunais penais, pois o atual Código Penal tipifica como crime práticas abortivas que visem matar o feto, o óvulo ou o embrião¹. Destaque-se que a lei penal busca resguardar o direito ao nascituro, ainda que, na esteira do entendimento jurisprudencial do Supremo Tribunal Federal, não há que se falar em direito absoluto à vida quando não houver condições que qualifiquem o feto como um ser em condições de viver (LENZA, 2017).

A polêmica sobre a legalização do aborto se presentifica nos debates políticos e se estende às redes sociais ganhando novas configurações quando, em vez das tradicionais trocas de palavras entre

¹ As tipificações encontram-se nos arts. 124, 125, 126, do CP.

sujeitos definidos, verifica-se a remodelação da discussão a partir de *memes* que carregam consigo traços de impessoalidade, humor, ironia e crítica, apresentando tanto opiniões contrárias quanto a favor da legalização ou, pelo menos, maior flexibilização do tema do aborto no campo legislativo.

Nesse contexto, elencamos para este artigo as seguintes questões: a) Como se apresentam os discursos sobre a legalização do aborto no gênero *meme*? b) Que discursos são retomados na propagação de discursos nos *memes*? Buscando responder a tais questionamentos, o presente trabalho tem como objetivos: analisar os discursos contra e a favor da legalização do aborto através dos *memes* e observar como a memória discursiva é retomada para a construção de “novos” discursos. Para tanto, fundamentamo-nos teoricamente nos estudos da Análise do Discurso de linha francesa desenvolvidos principalmente por Pêcheux (1997), Foucault (2009a, 2009b), Maingueneau (2008) e Paveau (2013), com ênfase nas concepções de discurso, formação discursiva, memória e interdiscurso. Diante disso, selecionamos como *corpus* quatro *memes* publicados em blogs no ano de 2018 nas seguintes páginas (Gerador de Memes; Memedroid; Diários de uma feminista e Blog Marcha Mundial das Mulheres).

A Análise do Discurso como um campo de reformulações

A Análise do Discurso (doravante AD) é uma área que teve muitos desdobramentos, desde a reformulação de conceitos com os quais trabalha até a expansão em diferentes vieses. Por esta questão, ao falar desse campo de estudo é preciso situar a perspectiva teórica que estamos adotando. Entre os principais trabalhos que influenciaram os estudos, sobretudo aqui no Brasil, temos as contribuições de Pêcheux (1997), um dos precursores e o primeiro a buscar definir o objeto de estudo da AD. Através da obra *Análise Automática do discurso* “inaugura uma abordagem transdisciplinar convocando uma teoria lingüística, uma teoria da história e uma teoria do sujeito” (GREGOLIN, 2003, p.3).

Podemos também destacar, nessa área, os estudos de Bakhtin (1999, 2016), que, ao trazer a concepção de dialogismo, fundamenta uma linha de pesquisa denominada de Análise dialógica do discurso, que tem no Brasil uma grande representatividade; e as contribuições de Foucault (2009a), que, apesar de não ser da AD, é trazido para compreender questões contemporâneas relacionadas ao discurso, ao

poder e ao sujeito. Destacamos ainda os estudos de Mainguenu (2008), Courtine (2009), a perspectiva da Semiótica discursiva de Greimas (1976) e a Análise do discurso Crítica, advinda das contribuições de Van Dijk (2000) e Fairclough (2001).

A Análise do Discurso, conforme pontua Pêcheux (1997) se constitui a partir de três linhas teóricas: o materialismo histórico, a partir da releitura de Marx; a Linguística, através da releitura de Saussure e a Psicanálise, com a leitura que Lacan faz de Freud, no que concerne ao inconsciente. Desse modo, um estudo com base na Análise do Discurso considera a articulação entre a língua, o sujeito e a história. Nessa perspectiva teórica, a ênfase não é a frase enquanto uma sequência de elementos linguísticos. Sobre essa questão, Fernandes (2007, p. 18) ressalta que “o discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é língua, nem texto, nem a fala, mas que necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material”. Sendo assim, é preciso considerar que o discurso apresenta uma concretude, mas que só passa a ter sentido quando remetido a uma exterioridade. É a partir das condições sócio-históricas e ideológicas que o discurso produz significações. Diante disso:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação majestosamente de um sujeito que pensa, que conhece e que sabe o que diz: é ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 2009b, p.61-62)

Considerando as afirmações do autor, percebemos que não somos a fonte do que dizemos, ou seja, os nossos dizeres não são determinados por nós, enquanto sujeitos individuais, mas a partir das posições sociais que ocupamos e da relação com outros discursos. Assim, os discursos são reatualizados e produzem novas significações, uma vez que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2009b, p. 26).

A concepção do que é o discurso passa por reformulações no interior da AD. Em Pêcheux (1997), há uma apresentação das três fases da AD e da mudança e incorporação de novas noções para o campo. Na primeira fase (AD1), a Análise do Discurso é concebida como uma maquinaria discursiva, fechada em si. O discurso é considerado como homogêneo e o sujeito é assujeitado. Na AD2, surge a noção de formação discursiva tomada por empréstimo dos estudos de Foucault e definida como “o que

pode e deve ser dito” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 166). Na AD3, há uma desconstrução da noção de maquinaria discursiva e o discurso passa a ser concebido como heterogêneo. É a partir dessa terceira fase que, por meio das contribuições de Foucault, Bakhtin, Authier-Revuz, Roland Barthes, dentre outros, há uma reestruturação no campo da Análise do Discurso. Segundo Gregolin (2003), ao invés de uma análise do discurso político, principal foco de análise nos anos 60, passa-se a ter uma análise de discursos e o interesse de investigação se estende também para os textos verbo-visuais. Esta expansão para a análise dos mais variados tipos de discursos implica rever e reformular alguns conceitos, entre eles, o de formação discursiva, memória e interdiscurso.

A noção de formação discursiva surge inicialmente em “Arqueologia do saber” definida da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2009a, p. 43)

Comungando com as ideias do autor, consideramos que a formação discursiva (FD) contempla os discursos que apresentam uma regularidade e constituem os sujeitos. Sendo assim, percebemos que há diferentes formações discursivas que podem dialogar ou discordarem entre si e determinados discursos podem ser admitidos ou não. Desse modo, na constituição dos discursos, há diferentes dizeres que se entrecruzam, assim “toda formação discursiva apresenta, em seu interior, a presença de diferentes discursos, ao que, na Análise do Discurso, denomina-se interdiscurso” (FERNANDES, 2007, p. 51).

Para discorrer sobre o primado do interdiscurso, Maingueneau (2008) retoma a noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva, apresentada por Authier-Revuz (1990), considerando que enquanto na primeira as marcas do discurso do outro está explícita, na segunda, tais marcas não estão visíveis. Diante disso, o autor afirma que o interdiscurso se constitui a partir da heterogeneidade constitutiva através de uma relação do discurso do Mesmo e do Outro. Ao estudar o interdiscurso, Maingueneau (2008) estabelece como metodologia analisá-lo a partir da tríade: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo compreende o conjunto de discursos que interagem entre si. O campo discursivo engloba os discursos pertencentes a cada domínio. É no campo

discursivo que os discursos se constituem e os espaços discursivos são estabelecidos. Tais espaços se formam através de uma oposição ou tensão e os discursos são colocados uns em relação aos outros.

Paveau (2013) ressalta que o interdiscurso é um conceito complexo que sofreu simplificações no campo da Análise do Discurso. Para a autora, o interdiscurso consiste no discurso já-lá, o pré-construído e está relacionado a uma memória. Conforme a autora, a noção de memória discursiva tem passado por algumas reformulações. Inicialmente, o termo foi apresentado por Courtine, nos anos 80, concebido a partir das condições sócio-históricas dos enunciados. Paveau (2013) ressalta que a memória supõe o esquecimento e trata-se de uma noção heterogênea que é transmitida, substituída e inventada.

De acordo com Pêcheux (2015), a memória é concebida não como algo individual, mas como uma construção que se dá através de discursos entrecruzados nas práticas sociais. Segundo o autor há uma tensão contraditória no processo de inscrição de um acontecimento numa rede de memória, uma vez que há acontecimentos que escapam à inscrição e outros que são absorvidos por uma memória como se não tivessem ocorridos. Diante disso, o que faz com que um acontecimento entre para uma rede de memórias é como reverbera nas práticas sociais, tornando-o singular. Assim, o efeito de repetição e regularidade faz com que o que é visível entre para a memória social de uma forma mais rápida e também seja retomado para a leitura dos discursos atuais. Portanto, concebendo as contribuições de Pêcheux, percebemos que a memória discursiva pode ser definida como os implícitos que são retomados para a leitura de um texto. São os discursos pré-construídos armazenados na nossa memória e acionados para que a compreensão se estabeleça.

A propagação de discursos sobre a Legalização do aborto nos memes

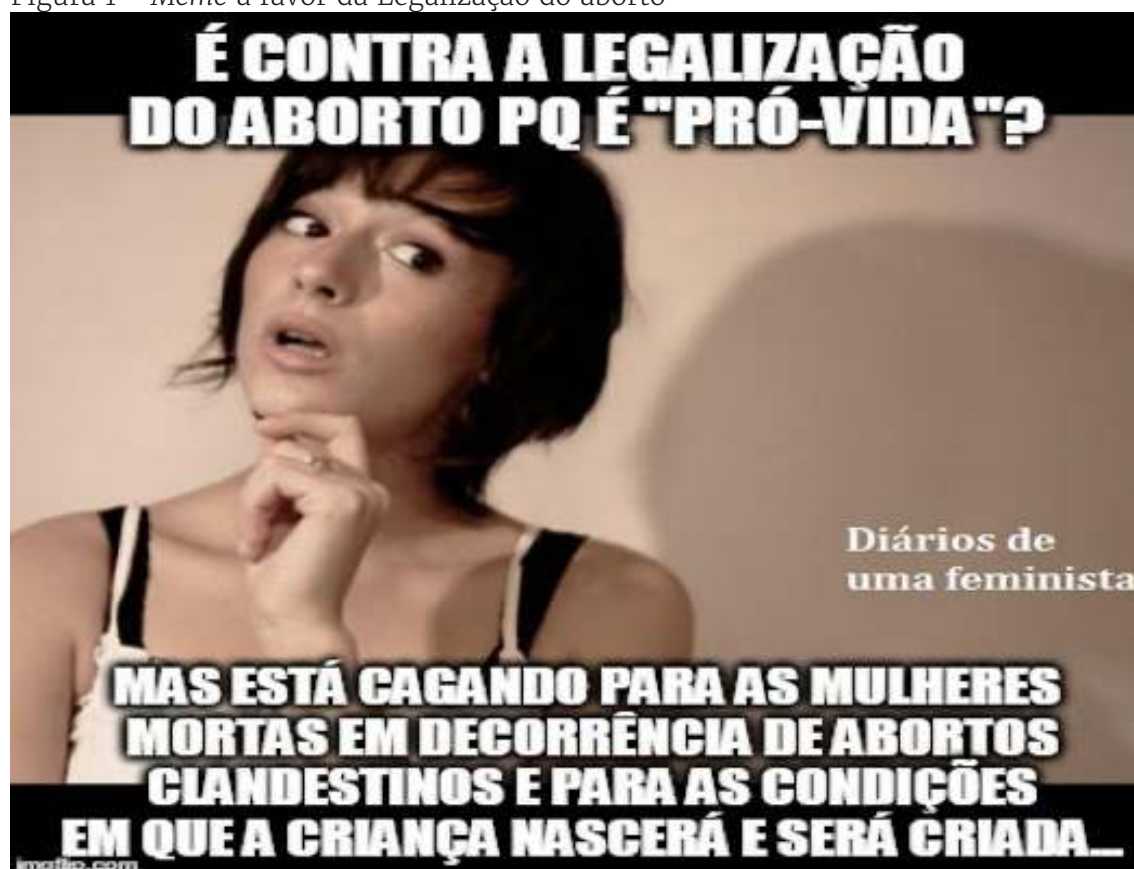
O *meme* é compreendido como fenômeno da linguagem que surge em práticas comunicacionais, na *web*, constituído na maioria das vezes por signos verbais e não verbais. É caracterizado por passar mensagens curtas e diretas, geralmente de forma bem humorada e irônica, além de possuir uma natureza híbrida, isto é, a intergenericidade, relacionando as particularidades de mais de um gênero e levando ao receptor várias percepções possíveis de sentido dentro de uma mesma informação. É uma palavra de origem grega que significa “conteúdo viral, imitação”.

Para a compreensão dos *memes*, é preciso retomar uma memória, bem como atentar para as relações discursivas que apresentam. A partir do universo em que os *memes* estão inseridos, selecionamos como campo discursivo para análise aqueles que possuem posições sobre a legalização do aborto. Para uma melhor sistematização, analisamos primeiramente os *memes* que apresentam discursos a favor do aborto e depois os que são contra.

Os discursos a favor da legalização do aborto nos memes

É importante ressaltar que os discursos que defendem a legalização do aborto enfatizam o direito das mulheres à vida e destacam as condições a que muitas delas são submetidas para a realização de tal prática em clínicas, na maioria das vezes, clandestinas. Desse modo, a discussão se apresenta em torno da liberdade das mulheres de decidirem sobre o seu corpo e a própria vida. Para procedermos a análise, vejamos o *meme* a seguir:

Figura 1 – *Meme a favor da Legalização do aborto*



Fonte: Diário de uma feminista (2018).

O *meme* em análise foi publicado na página de um blog denominado “Diário Feminista”, que aborda diferentes temas em relação ao sexo feminino, entre eles, podemos destacar o suicídio, a misoginia, a cultura do estupro, o aborto, dentre outros. Antes de adentrarmos na análise do *meme*, é importante enfatizar que a legislação brasileira só permite o aborto em casos de estupro, quando os bebês são anencéfalos ou ainda, quando a vida da mãe está em risco. Apesar da proibição no país, o número de abortos é alto. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de 25 milhões dos abortos que acontecem no mundo são inseguros, o que representa 45% do total que são realizados, aumentando assim o risco de complicações e de mortes. Essas questões têm refletido num movimento pela vida das mulheres e para que haja a descriminalização do aborto.

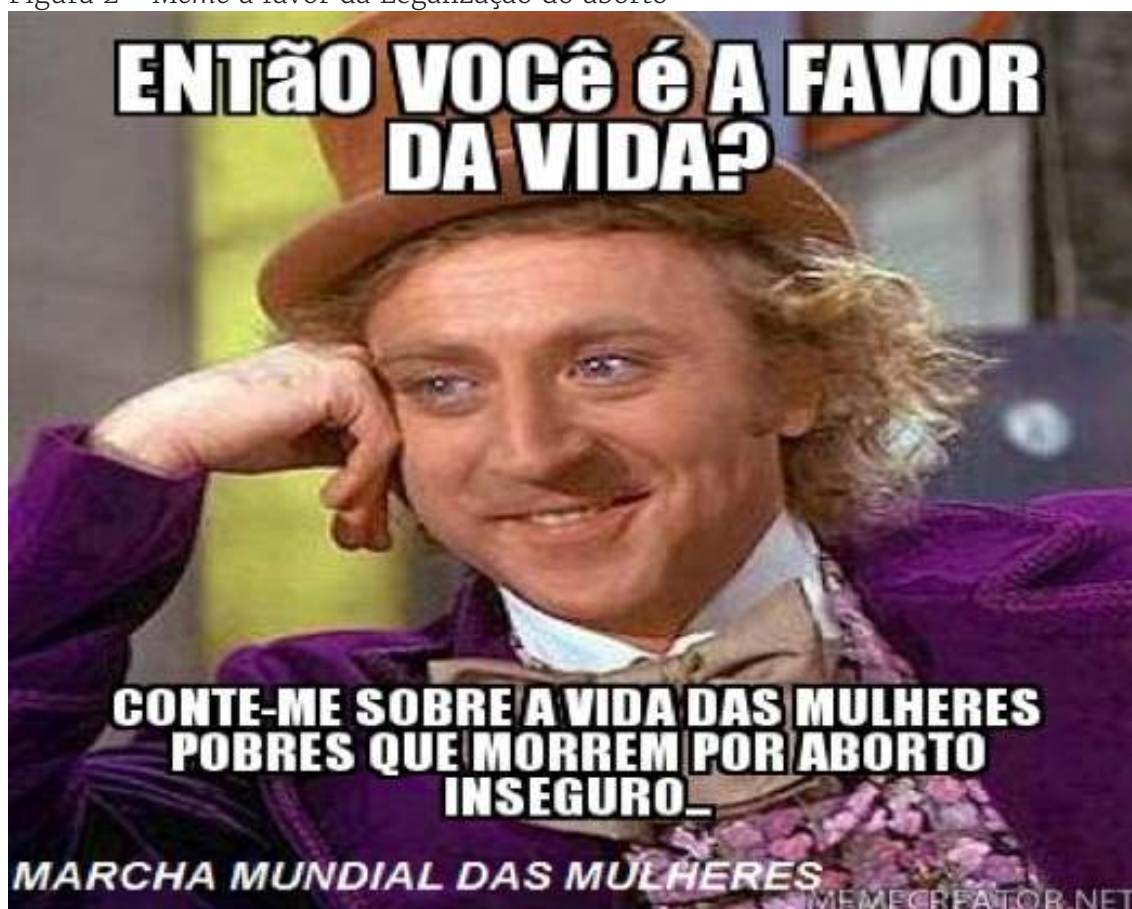
O referido *meme* ao interrogar: “*É contra a legalização do aborto pq é pró-vida?*” apresenta o entrecruzamento de dois discursos: o da religião e o feminista. O primeiro reafirma o direito ao nascimento do sujeito que é gerado. O segundo, alicerçado no discurso da saúde, enfatiza as condições de vida da mulher e da própria criança. Os sujeitos que defendem a campanha pró-vida e são contra o aborto fazem parte de uma formação discursiva determinada pela religião e alicerçada pelo discurso jurídico que considera tal prática como crime e, por meio do Artigo 5º da Constituição Federal, reafirma o direito à vida. O termo “pró-vida”, utilizado no *meme* de forma irônica, apresenta uma heterogeneidade mostrada, uma vez que teve sua origem nos movimentos em favor da dignidade humana e, sobretudo, nas campanhas contra o aborto. O enunciador, ao trazer este termo no *meme*, a partir de uma interrogativa, apresenta os fatores decorridos de tal prática realizada em condições desfavoráveis. Assim, a questão que se apresenta é como o sujeito pode ser a favor da vida se não se importa com a situação que a mulher é submetida e com as crianças que poderão nascer decorrentes de uma gravidez não desejada.

O discurso contra o aborto e a favor da vida há muito tempo é enfatizado pela religião cristã que considera como pecado o fato de tirar do outro o direito de vir ao mundo, direito este que só poderia ser tirado por Deus. Diante desse discurso, há no *meme* em análise uma indignação referente a esta posição, enfatizada pelo questionamento que é apresentado e também pela imagem de uma mulher com os olhos bem abertos, a mão no queixo e a boca aberta. Essa expressão de uma mulher comum representa uma luta que independe de classe, ou seja,

o direito de decidir sobre o próprio corpo e optar se levará adiante uma gravidez e ser mãe. Para compreender o discurso que é defendido no *meme*, é preciso retomar uma memória e perceber que a luta pelo direito de decisão é uma batalha das mulheres que surgiu desde os anos 60 com os movimentos feministas. Apesar das inúmeras conquistas das mulheres por igualdade, ainda não se obteve êxito em relação à decisão sobre o próprio corpo, bem como sobre aquilo que o diferencia do sexo masculino, ou seja, a reprodução. Por mais discussões que se tenha ao longo dos tempos, ainda não se admite que haja a liberdade de não ter filhos ou decidir se é o momento adequado para tê-los. Por mais que os dados estatísticos demonstrem que, nos países onde o aborto é legalizado, aborte-se menos e que a questão seja de saúde pública, tal prática ainda representa no Brasil um ponto de embates e tem sido retomada, sobretudo em campanhas presidenciais para angariar votos dos eleitores e defender uma causa que boa parte dos brasileiros apóiam.

O discurso feminista para defender a descriminalização do aborto se alicerça justamente no discurso da saúde que defende que o aborto feito em condições desfavoráveis aumenta o risco de morte das mulheres e também nas próprias condições em que a criança que não é desejada e que, muitas vezes, já foi rejeitada pelos pais, “*nascera e será criada*”. Portanto, para compreender o *meme* em questão, é preciso considerar que todo enunciado está imerso numa rede de memória e tem uma história. “O enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização” (FOUCAULT, 2009a, p. 118). Assim, os discursos em relação ao aborto são retomados e, a partir de uma nova conjuntura, são reatualizados e produzem novas significações. A mesma posição é também defendida no *meme* a seguir:

Figura 2 – Meme a favor da Legalização do aborto



Fonte: Marcha das Mulheres (2018).

Este *meme* foi publicado na página de um *blog* denominado “Marcha Mundial das Mulheres”, que inclusive apresenta a autoria expressa na própria imagem. Este *blog*, assim como o “Diário Feminista”, discute temáticas distintas, mas todas estão vinculadas ao universo feminino, como: sexualidade, violência, cultura, LGBT, mobilizações e encontros de discussão que se relacione à mulher.

Neste *meme*, observamos uma mesma linha discursiva que o anterior em que o enunciador apresenta uma posição favorável à legalização do aborto, tomando como argumento a morte de várias mulheres em decorrência de aborto inseguro, isto é, realizado sem acompanhamento médico adequado, ou como retomado na Figura 1, de forma clandestina, ao enunciar: “Então você é a favor da vida? Conte-me sobre a vida das mulheres pobres que morrem por aborto inseguro.”

Os sujeitos que se assumem a favor da legalização do aborto, de forma geral, apresentam uma formação discursiva que defende o direito do feto ao nascimento, isto é, “à vida”, e a ideia de que a mãe, gestora, não teria o mesmo direito de ceifá-la. No entanto, o *meme* constrói essa

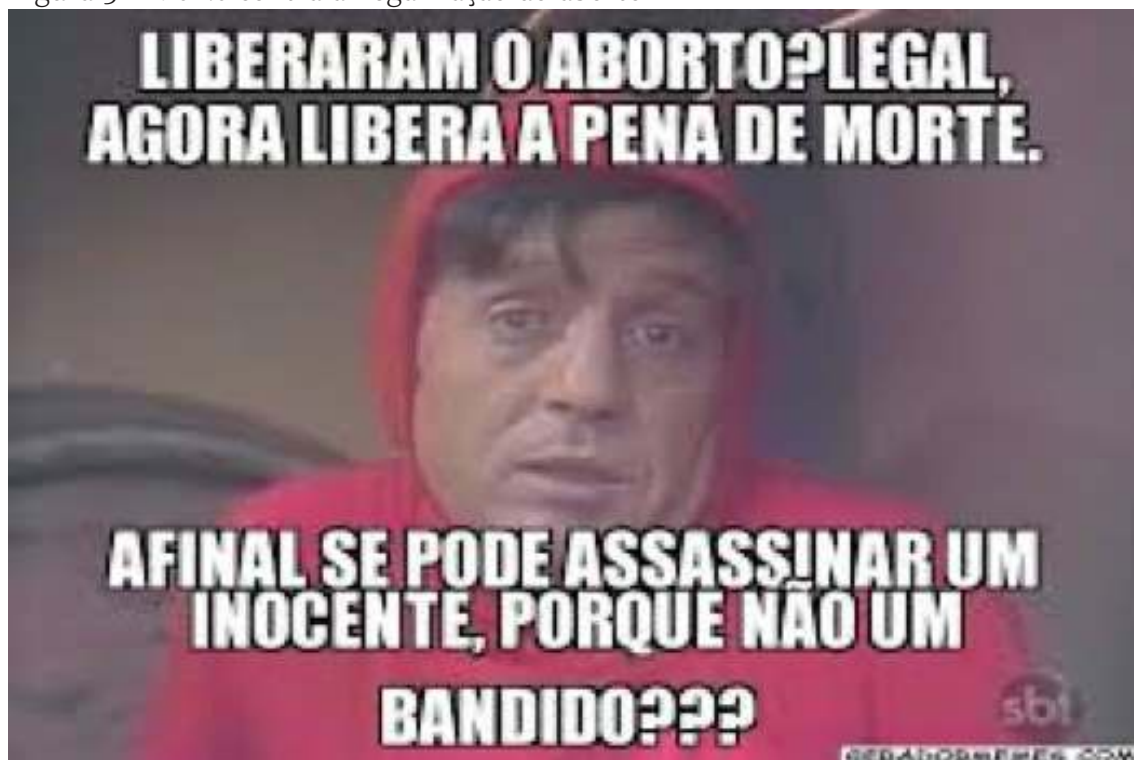
posição a partir da ironia, também observada na figura do personagem Willy Wonka, interpretado pelo ator Gene Wilder, na versão original do filme “A fábrica de chocolate” em que, em um dos trechos do filme, de 1971, o ator questiona as crianças se elas gostariam de conhecer uma máquina nova em sua fábrica, mas o faz com uma expressão facial tipicamente irônica. Em meados de 2011, essa imagem começou a circular na internet e foi utilizada na construção de diferentes *memes* na página “Willy Wonka irônico” em que a imagem do ator era geralmente associada à frase “Conte-me mais sobre isso”, isto é, com o objetivo de chamar a atenção de algum sujeito ou grupo de forma sarcástica.

Vemos, portanto, que, além da formação discursiva que o *meme* veicula é necessário retomar uma memória sobre algo que é recorrente no Brasil, ou seja, as péssimas condições da saúde no país. Diante disso, constatamos que a morte dessas mulheres de forma insegura se dá pela falta de acesso aos hospitais públicos ou privados, dada a criminalização do aborto cujo sentido retomamos a partir de uma memória discursiva que acessa outros discursos no respectivo *meme*.

Os discursos contra a legalização do aborto nos memes

Para defender uma posição contrária à legalização do aborto, os sujeitos, comumente, colocam-se a favor da vida e aludem, a partir de um paralelo comparativo com outros discursos, à causa que apoiam, conforme podemos ver no *meme* abaixo:

Figura 3 – Meme contra a Legalização do aborto



Fonte: Gerador de memes (2018).

O primeiro *meme* contra a legalização do aborto que selecionamos para análise possui uma particularidade em relação ao processo de veiculação, isto é, o site “Gerador de Memes” é um *software* em que o usuário pode pesquisar o gênero, a partir da captura de imagens do próprio usuário ou da galeria do site, e construir enunciados para posterior publicação em outros meios. Nesse sentido, o site funciona como uma “fábrica” de *memes*, mas sem uma posição específica daquele que o constrói. Em outras palavras, as redes sociais e a Web legitimaram novos grupos de interesses que puderam se expressar por meio desse objeto que apresenta a formação ideológica de quem o emite, assim como de seus receptores através de um processo de ressignificação, mas sem podermos identificar verdadeiramente sua autoria como é característico do *meme*. Temos, portanto, novos suportes para velhas questões, retomando nossa temática.

Quando o enunciador questiona: “*Liberaram o aborto?*”, em sequência, apresenta uma afirmativa e, como consequência, retoma um outro discurso ao afirmar: “[...] *agora libera a pena de morte.*” Temos, portanto, três discursos que se entrecruzam inicialmente, dois explícitos: a legalização do aborto e a pena de morte e um implícito, a política, pois esta apresenta o contexto de enunciação em que esses discursos primeiros se encontram.

O enunciador faz uso de uma “ironia”, ao concluir o enunciado afirmando que “*afinal, se pode assassinar um inocente, porque não um bandido?*” De forma subentendida, ele afirma que, para o feto, a legalização do aborto seria uma pena de morte, desse modo, é necessário recuperar uma memória para que compreendamos a articulação que se faz entre a legalização do aborto e a pena de morte. No *meme*, o discurso sobre o aborto enunciado em seu interior veicula sentidos e o seu entendimento estará no âmbito do interdiscurso e da memória discursiva que ele “repete e reativa” (FOUCAULT, 2009a) e ainda “transforma”, a partir de uma nova conjuntura, ao reatualizar e produzir uma nova significação, à medida que impõe como consequência para a legalização de um a legalização de outro. Quando o enunciador apresenta dois vocábulos como “inocente X bandido”, impõe, ao mesmo campo discursivo, duas palavras que em regra não pertencem ao mesmo espaço, mas que são acionadas para construir esse novo discurso, a partir de relações polêmicas, como no campo político citado anteriormente.

O Chapolin Colorado, personagem de Roberto Bolaños, é uma figura antagônica que ilustra o enunciado do *meme* em questão. Apesar de esse *meme* ter sido criado por um sujeito anônimo no site Gerador de Memes com o uso do personagem para veiculação de um discurso polêmico, a ideia do uso do personagem não é atual, isto é, a criação de *memes* com o super-herói a partir da combinação de frases bem-humoradas ou irônicas e debochadas iniciou na página da rede social Facebook intitulada: “Chapolin sincero”, criado por Renan Schwarz, de 22 anos, que conta ao todo com 3,5 milhões de seguidores no Facebook, criada em 2012, e 1,5 milhão no Instagram². A frase célebre que cristalizou o personagem é: “*Não contavam com a minha astúcia!*”, portanto, o uso desse personagem não nos parece ser aleatório no *meme* (Figura 3), tendo em vista a forma de articulação, isto é, por meio de uma pergunta inicial e, em seguida, uma premissa sequencial e conclusiva em que o *meme* em análise constrói o seu discurso para convencimento e levantamento de uma questão ao leitor.

Dentro do mesmo campo discursivo do *meme* anterior, na figura 4, há elementos que dialogam justamente com essa estratégia: dentre eles, em linguagem visual, temos a figura de Che Guevara, que é atrelada à rebelião contra o capitalismo, como podemos verificar a seguir:

² Informação disponível no site: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/chapolin-sincero-sucesso-na-internet-ganha-fas-13684568.html>

Figura 4 – Meme com composição híbrida



Fonte: Memedroid (2018).

Neste *meme*, diferente dos anteriormente apresentados há dois posicionamentos diferentes. No primeiro plano, constata-se a existência de um discurso primeiro, como já apresentado que se revela a favor da legalização do aborto ao afirmar que: (alguém) “*diz que é contra o aborto porque é ‘a favor da vida’, mas é a favor da pena de morte e diz que ‘bandido bom é bandido morto’*”. Inicialmente, temos a omissão de quem fala, porém, esse alguém é retomado a partir de uma memória discursiva, isto é, podemos verificar que o discurso retoma todos aqueles que são de “direita” e, contrários à posição de toda a formação discursiva da personalidade em foco, Che Guevara, que se posicionam contra a legalização do aborto.

Esta construção é evocada a partir de uma heterogeneidade mostrada, considerando-se as citações “*a favor da vida*” X “*bandido bom é bandido morto*” que se contradizem para sustentação de uma argumentação que revela a inconsistência daqueles que se dizem contra o aborto e, ao mesmo tempo, a favor da morte de infratores. Isto é, a ironia evocada na produção do enunciado leva o leitor a refletir sobre a própria argumentação daqueles que se dizem “*pró-vida*”, como visto em *memes* anteriores.

No segundo plano, verifica-se o dizer de um outro sujeito que se revela como resposta ao discurso veiculado no *meme*, ou seja, um perfil intitulado: *Moça, não sou obrigada a ser feminista 2.0*. Portanto, o *meme* em questão possui uma estrutura atípica em relação aos outros *memes* analisados que seguem um determinado padrão: fonte, cor da letra e disposição do enunciado visualmente, além de figuras conhecidas e representativas, excetuando-se a do primeiro *meme*. Temos, então, uma hibridização de gêneros, uma vez que se observa um comentário (verifica-se o padrão visual da página da rede social Facebook) que foi agregado ao *meme* e assim veiculado para *download* na página *Memedroid*.

No comentário, verificamos o seguinte enunciado: “*Aborto é pena de morte para inocente diferente de bandido que sabe o que faz. Embora eu nunca espere coerência de vocês, repito: no dia que um feto me assaltar mudo de ideia*”. Ao verificarmos, primeiramente, o título do perfil, constatamos que quem fala é um “eu” feminino, indicado também pela concordância nominal, que assume uma posição e uma formação discursiva ao deixar claro que não é obrigada a ser feminista, formação discursiva considerada de “esquerda”, ligada a uma posição a favor do aborto, mas, ao contrário, posiciona-se contra a legalização do aborto e a favor da pena de morte para encarcerados.

Este perfil apresenta justamente a posição dita “irônica e contraditória” do discurso veiculado no primeiro plano do *meme*, isto é, esse alguém que “diz” pode ser compreendido até mesmo pelo próprio perfil (de direita) que assume a posição de resposta àquele que é entendido (de esquerda). Quando o perfil afirma que “não espera coerência de vocês”, esse dêitico retoma o sujeito que fala no primeiro plano, ao mesmo tempo, lança a falta de coerência para esse outro sujeito representado pelo perfil, isto é: a favor da vida X pena de morte enquanto posições distintas e não pertencentes a uma mesma FD.

Por fim, o perfil retoma o argumento de que o feto é inocente ao contrário do bandido, ao afirmar que: “*No dia em que um feto me assaltar mudo de ideia*”. Em outras palavras, o(s) discursos apresentam a impossibilidade de mudança de opinião ao destacar uma ação impossível de ocorrer, como visto em outros ditados populares. Nesse sentido, consideramos toda a composição do *meme* para afirmarmos sua posição contra o aborto, já que o acréscimo do comentário à figura não foi aleatório a sua veiculação.

Considerações Finais

Discorremos neste trabalho acerca da polêmica discursiva em torno da legalização do aborto na sociedade brasileira, alinhada à teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Buscamos demonstrar que o debate em torno do tema ganha novas configurações na medida em que a tecnologia e a sociedade evoluem, criando-se novos gêneros discursivos que agregam as posições ideológicas de seus usuários e permitem outras maneiras de se apresentar e de se fazer um debate regido pelo pluralismo de ideias.

Neste sentido, efetuamos uma análise do discurso tendo como *corpus* quatro *memes* que manifestavam essa polêmica se posicionando contra ou a favor da legalização do aborto. No primeiro e segundo *meme*, verificamos que as posições a favor do aborto se constroem a partir de um mesmo discurso, isto é, a saúde das mulheres submetidas a abortos clandestinos ora por meio de enunciados interrogativos, ora por meio da heterogeneidade mostrada através das aspas que levam o leitor a refletir e ter como foco termos retomados por uma memória discursiva como o “pró-vida”. Ainda vemos uma diferença na representação visual dos personagens, isto é, no primeiro *meme* não se identifica uma figura emblemática como no segundo *meme*, trazendo certa distinção com o padrão mantido nos outros *memes* analisados.

No terceiro e quarto *meme* destacamos os discursos contra a legalização do aborto que apresentam um interdiscurso referente à pena de morte ao construir uma argumentação também de posição política, retomando discursos de direita e de esquerda, principalmente, para posicionar-se enquanto lugar do dizer. Observamos essas posições, principalmente no segundo *meme*, a partir de uma memória e de um interdiscurso que reitera ao mesmo tempo o que é ser feminista e o que é ser de esquerda. Além disso, no *meme* (apresentado na figura 4) há uma particularidade que difere dos demais, a hibridização tanto em relação à temática, quanto ao gênero, uma vez que há posições contra e a favor da legalização do aborto manifestadas por meio do próprio *meme* e do comentário que é inserido, o que demonstra que, apesar de ter uma estrutura “relativamente estável”, há uma dinamização do gênero.

Por fim, reafirmamos que, nos *memes* analisados, os discursos são construídos por diferentes estratégias sejam elas evocadas por uma heterogeneidade mostrada, um interdiscurso ou termos dêiticos que enfatizam uma formação discursiva e não outra alicerçada no discurso da saúde ou em preceitos religiosos e apresentando a causa como uma questão política.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) Enunciativas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.19, p.24-41, jul/dez 1990.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

Diário de uma feminista. Disponível em: <http://diariosdeumafeminista.blogspot.com>. Acesso em: 8 out. 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, C. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias, 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009a.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.

Gerador de memes. Disponível em: <http://geradormemes.com>. Acesso em: 20 out. 2018.

GREGOLIN, R. Análise do discurso: enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C.; SANTOS, J.B. (org.). **Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: UFU, 2003.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. Pesquisa de Método. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.

LENZA, P. **Direito constitucional esquematizado**. São Paulo: Saraiva, 2017.

MAINGUENEAU, D. Primando do interdiscurso. In: MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Párbola Editorial, 2008. p.31-45.

Marcha das mulheres. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com>. Acesso em: 10 out. 2018.

Memedroid. Disponível em: <https://pt.memedroid.com/memes>. Acesso em: 22 out. 2018.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org>. Acesso em: 10 dez. 2018.

PAVEAU, M. A.. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para o seu passado. Trad. Jocilene Santana Prado; Eduardo Lopes Piris. **EID&A- Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.5, p.137-161, dez 2013.

PÊCHEUX, M. Análise do discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p.311-318.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et. al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2015. p. 43-51.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p.163-252.

VAN DIJK, T. A. (Org.). **El discurso como interaccion social**. Revisão técnica de J. A. Álvarez. Barcelona: Editorial Gedisa, 2000.